

NEOLOGISMOS EM UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

Silvana Cristina Romero*

César Nardelli Cambraia*

Resumo: No presente trabalho, analisamos a relação entre neologismos, gênero e perfil ideológico dos falantes. Utilizamos um *corpus* de 1000 neologismos coletados entre fevereiro e maio de 2014 no Portal GGN e classificamos segundo os padrões de formação. Verificamos que o tipo preferencial de neologismo varia segundo gênero e perfil ideológico dos falantes: embora o processo mais frequente seja o mesmo para ambos os casos (derivação sufixal), os processos seguintes na escala de frequência são diferentes (derivação prefixal e palavra-valise para o gênero masculino, mas palavra-valise para o feminino; composição subordinativa entre bases autônomas para o perfil de direita, mas palavra-valise para o de esquerda).

Palavras-chave: Lexicologia; Neologismo; Sociolinguística; Política.

Abstract: In this paper, we analyze the relation among neologisms, gender and ideological profile of the speakers. We use a corpus of 1000 neologisms collected between February and May 2014 in GGN Portal and we classified according to the standards of neological formation. We verified that the preference for the type of neologism varies according to gender and ideological profile of the speakers: although the most common process is the same for both cases (suffixal derivation), the following processes in the frequency range are different (prefixal derivation and portmanteau for men, but portmanteau for women; subordinative compounding between autonomous bases for the profile of the right, but portmanteau for the profile of the left).

Keywords: Lexicology; Neologism; Sociolinguistics; Politics.

Introdução

Dentre os níveis de organização da linguagem humana, também o léxico reflete diferenças sociais de uma comunidade de fala (BIDERMAN, 2001). Embora as relações entre léxico e sociedade já tenham sido exploradas segundo diferentes perspectivas, há certos aspectos que ainda continuam carentes de análises específicas. Para contribuir para o preenchimento dessa lacuna nos estudos lexicais, apresentamos aqui um estudo-piloto com uma análise da relação entre neologismos, gênero e perfil ideológico dos falantes.

* Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, sylvanaww@yahoo.com.br, nardelli@ufmg.br.

Léxico e sociedade

Desde os estudos histórico-comparados do séc. XIX, a questão da relação entre léxico e sociedade já tem sido explorada por estudiosos da linguagem. Podemos citar como exemplos produtivos de abordagens dessa natureza: a *geografia linguística* de Gilliéron (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-1910), em que se salientou a importância de fatores psicológicos como determinador de mudanças lexicais; o método *palavras e coisas* de Schuchardt e Meringer (MERINGER, 1912), em que se revelou a necessidade de conhecer a realidade das coisas (dos referentes) para compreender os padrões de nomeação; a *onomasiologia* iniciada por Brinkmann (1872), em que se demonstrou a influência cultural nos processos de designação de um mesmo referente em diferentes comunidades de fala; a *linguística espacial* de Bartoli (1925, 1945), que se empregou a distribuição geográfica de itens lexicais para reconstruir sua história; a *teoria dos campos linguísticos* de Trier (1931), em que se defendeu a organização das palavras em grupos específicos (os campos); e a *lexicologia social* de Matoré (1953), em que se analisou a mudança lexical segundo a organização dos itens lexicais em conjuntos (os campos nocionais) comparando-se diferentes cortes sincrônicos (BASSETO, 2001). Abordagens como essas incorporavam, ora mais intensamente, ora em menor escala, o fator social na compreensão do léxico.

Dessas propostas, provavelmente uma das mais radicais em relação ao peso dado ao fator social no estudo do léxico foi a *lexicologia social* de Matoré (1953). Segundo a síntese de Cambraia (2013, p. 160-164), são algumas das ideias fundamentais dessa teoria: (a) a criação de uma palavra nova é entendida como a formação de um conceito; (b) as palavras existem na consciência dos falantes em relações recíprocas (sintagmáticas [no contexto] e associativas [fora do contexto]); (c) a palavra tem um caráter social, pois é reflexo de um estado da sociedade; (d) as palavras se organizam em conjuntos (os *campos nocionais*); (e) cada campo nocional seria composto de palavras novas, chamadas de *palavras-testemunho*, que são sinais de uma nova situação social econômica, estética, etc.; e (f) cada campo nocional teria como centro uma *palavra-chave*, que refletiria o ideal da sociedade de uma dada época.

Entretanto, como também assinalado por Cambraia (2013, p. 164-167), essa teoria foi objeto de inúmeras críticas, como, por exemplo, a de que havia vaguidão no método de Matoré para hierarquização das palavras-testemunho em um campo nocional. Dentre as críticas comentadas por Cambraia (2013), é de especial interesse aqui a de que havia negligência no método de Matoré em relação à identificação sócio-histórica dos falantes:

a lexicologia de Matoré é *social* (pois considera as transformações no mundo real ao analisar a língua, mais especificamente, o léxico), mas não é *sociolinguística* (pois não considera as diferenças na sociedade – de gênero, de idade, de classe social, de região, de formação escolar, etc. – ao analisar o léxico) (CAMBRAIA, 2013, p. 167).

O presente trabalho, que constitui um estudo-piloto, tem como objetivo explorar justamente esse aspecto negligenciado por Matoré: pretendemos realizar uma análise do léxico, mais especificamente, da inovação lexical, considerando fatores sociais como o gênero e o perfil ideológico dos falantes.

Fundamentação teórica

Como se disse acima, a lexicologia social de Matoré ancorava-se fundamentalmente na inovação lexical: as palavras-testemunho que compunham o campo nocional de uma dada sincronia eram *neologismos*. Segundo Matoré (1953), um neologismo é uma “[a]cepção nova introduzida no vocabulário de uma língua em uma dada época”. Os neologismos, ainda na sua visão, poderiam se manifestar: (a) por uma palavra nova (*neologismo de forma*); (b) por uma palavra já empregada, à qual se atribui um sentido novo (*neologismo de sentido*); e (c) por uma mudança de categoria gramatical.

Essa descrição, entretanto, é excessivamente genérica, impedindo que se percebam especificidades importantes para compreender como diferentes grupos sociais criam e fazem uso de neologismos.

Considerando que o objetivo deste estudo é o de analisar a neologia na língua portuguesa, adotou-se como referencial para tipologia de neologismos a proposta de Alves (1990). Nessa proposta, os neologismos distribuem-se nas seguintes categorias (os exemplos são alguns dos apresentados pela referida autora):

Quadro 1: Tipologia de processos de neologismos segundo Alves (1990)¹

Tipo	Exemplo
Fonológico: criação onomatopaica	<i>cocó</i>
Fonológico: modificação do significante	<i>tchurma</i>
Fonológico: modificação analógica	<i>bebemorar</i>
Fonológico: modificação gráfica	<i>xou</i>
Sintático: derivação prefixal	<i>não-hóspedes</i>
Sintático: derivação sufixal	<i>brizolismo</i>
Sintático: derivação parassintética	<i>apalhaçar</i>

¹ Todos os quadros e as tabelas do presente artigo são de elaboração dos autores do artigo.

Sintático: composição subordinativa com bases autônomas	<i>enredos-denúncias</i>
Sintático: composição coordenativa com bases autônomas	<i>ritmico-harmônicas</i>
Sintático: composição com base(s) não-autônoma(s)	<i>onico-micose</i>
Sintático: composição sintagmática	<i>produção independente</i>
Sintático: composição por sigla ou acronímica	<i>ERP</i>
Conversão	<i>consoiciados</i>
Semântico	<i>baixinho</i>
Truncação	<i>euro</i>
Palavra-valise	<i>brasiguaio</i>
Reduplicação	<i>trança-trança</i>
Derivação regressiva	<i>amassos</i>
Empréstimo: estrangeirismo	<i>pole-position</i>
Empréstimo: tradução	<i>gray power</i> “ <i>poder grisalho</i> ”
Empréstimo: integração	<i>turnê</i>
Empréstimo: decalque	<i>alta tecnologia</i>

Embora uma tipologia das inovações lexicais seja a base para estudos mais aprofundados, pretendemos aqui transpor as abordagens excessivamente internalistas e descritivistas em favor de uma abordagem mais dinâmica e complexa, como a *lexicologia sócio-histórica* defendida por Cambraia (2013):

Uma tal visão dinâmica supõe ainda encaixar o estudo do léxico nos três principais eixos (temporal, social e espacial) que devem ser considerados para uma compreensão mais global das mudanças, tal como defendeu Labov (1982, p. 20) ao propor a articulação entre linguística histórica, sociolinguística e dialetologia. Uma consequência inevitável é a de que um tal modelo de *lexicologia sócio-histórica* supõe uma prática mais baseada em estudos aprofundados de casos específicos com o objetivo, a longo prazo, de associação entre eles com base em dados sócio-históricos do que análises descontextualizadas de grandes listas de neologismos (CAMBRAIA, 2013, p. 167).

Esse tipo de abordagem, dada a sua complexidade, supõe a realização de estudos em etapas, encaixando os dados a cada fase em um dos eixos a serem considerados. No presente estudo, os dados serão analisados em função do eixo social dos falantes, a saber: seu gênero e seu perfil ideológico. Futuramente, à medida que a análise for progredindo, esses mesmos dados poderão ser interpretados tanto no eixo temporal (em que ordem cronológica os neologismos analisados foram criados) quanto no eixo espacial (em que região do país os neologismos analisados apareceram em primeiro lugar).

Como demonstrado por Labov (1982), os padrões linguísticos são sensíveis a diferenças sociais como gênero, faixa etária, classe social, escolaridade, dentre outros. Supomos, portanto, que os padrões linguísticos de formação de palavras também sejam sensíveis aos fatores sociais.

Hipóteses

Com base nas discussões acima apresentadas, elaboramos duas hipóteses básicas para serem testadas em um *corpus*:

(1) Os padrões preferenciais de formação de palavras são diferentes segundo o gênero do falante.

(2) Os padrões preferenciais de formação de palavras são diferentes segundo o perfil ideológico do falante.

Metodologia

Para compreender como os fatores sociais atuam na formação e uso de neologismos na língua portuguesa contemporânea, realizamos um estudo de um *corpus* composto de 1000 neologismos.

Os dados foram coletados no Portal GGN² no período de 28 de fevereiro a 31 de maio de 2014, nos artigos e comentários situados sob a rubrica *Política*. Para identificação dos itens lexicais como neologismos, utilizamos como *corpus* de exclusão³ o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS *et al.*, 2009). Os neologismos foram coletados manualmente a partir de leitura de cada texto do referido portal na extensão temporal indicada.

Os neologismos foram classificados segundo a tipologia de Alves (1990), sintetizada na seção anterior, e em caso de dúvidas, compararam-se os padrões com a classificação presente na base do projeto *TermNeo* (Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo)⁴, coordenado pela própria autora da tipologia adotada. Esse projeto se baseia na coleta de neologismos na mídia impressa (jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, revistas *IstoÉ* e *Veja*)⁵ desde janeiro de 1993. A distinção entre composição coordenativa ou subordinativa e composição sintagmática é estabelecida por Alves (1990, p. 51) na prática com base na presença ou ausência de hífen, respectivamente. Consideramos que o ambiente *on-line* em que se encontra o portal de que extraímos os dados favorece uma excessiva

² A sigla GGN representa “Grupo Gente Nova”, grupo a que pertenceu o editor do jornal (Disponível em: <http://jornalggm.com.br/noticia/o-golpe-visto-pelos-secundaristas-de-pocos-e-sao-joao-da-boa-vista>).

³ Adotamos, portanto, o critério lexicográfico de identificação de neologismos. Correia e Almeida (2012, p. 26) lembram ainda que se pode usar um critério baseado em amplos *corpora* textuais disponíveis em formato eletrônico. Consideramos, no entanto, que o uso desses *corpora* eletrônicos não é adequado para a nossa pesquisa, pois não são capazes de evidenciar com facilidade os neologismos semânticos.

⁴ Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/index.php>.

⁵ Para mais informações sobre a metodologia desse projeto, conferir sua apresentação no site: http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/baseneo_apresenta.php.

instabilidade na representação gráfica (pela frequência dos erros de digitação, percebemos que os usuários do portal não se preocupam demasiadamente com a questão gráfica⁶), razão pela qual não consideramos viável manter esse critério: consideramos, assim, as formações compostas de substantivo e adjetivo como composições sintagmáticas, as de verbo e substantivo como composições subordinativas, e as de adjetivo e adjetivo ou de substantivo e substantivo como composições subordinativas ou coordenativas segundo a existência ou não de uma relação de restrição, respectivamente.

Como ainda não foi feito um rastreamento histórico para saber se cada neologismo coletado foi utilizado pela primeira vez na língua portuguesa no texto em que foi encontrado no portal, não se pode considerar que os resultados revelem com precisão as opções de criação dos autores dos textos. No entanto, pelo fato de o autor do texto usá-lo reflete sim uma preferência em relação a um tipo específico.

Além de serem classificados pela tipologia de formação, os neologismos também tiveram mais dois aspectos de registros: o gênero do autor do artigo ou comentário e o seu perfil ideológico (sua orientação política).

No caso do gênero, como muitos autores se identificam apenas por apelidos, foi necessário acompanhar outros textos do mesmo autor para que dados como menção explícita ou concordância de gênero nos adjetivos revelasse seu gênero. No que diz respeito a esse aspecto, os dados coletados, referentes a 439 autores de texto, distribuem-se por gênero da seguinte forma: 90,2% dos autores do gênero masculino e 9,8% do gênero feminino.

No caso do perfil ideológico, a classificação foi mais complexa, pois não se trata de categorias binárias e discretas. Para tornar exequível a análise, no entanto, consideramos apenas dois perfis: *esquerda* e *direita*⁷. Na análise dos textos, adotamos os critérios de diferenciação de perfil ideológico proposto pelo Datafolha (FOLHA, 2013), baseado em 10 questões:

⁶ Como alguns dos neologismos se baseiam em modificação do significante ou gráfica, consideremos neologismos aquelas diferenças que eram recorrentes.

⁷ As designações direita e esquerda para diferenciar perfis ideológicos tem longo uso e remonta à Revolução Francesa, quando os membros da Assembleia Nacional se posicionavam à direita do presidente (se partidários do rei) ou à esquerda (se partidários da revolução). Embora não sejam consensuais, essas designações foram as adotadas na proposta de classificação do Datafolha que adotamos aqui.

Quadro 2: Perfil ideológico segundo questionário do Datafolha

Questão	Perfil de direita	Perfil de esquerda
Posse de armas	Arma legalizada deve ser um direito do cidadão para se defender	Deve ser proibida, pois ameaça a vida de outras pessoas
Migração	Pobres que migram acabam criando problemas para a cidade	Pobres que migram contribuem com o desenvolvimento
Homossexualidade	Deve ser desencorajada por toda a sociedade	Deve ser aceita por toda a sociedade
Pobreza	Boa parte está ligada à preguiça de pessoas que não querem trabalhar	Boa parte está ligada à falta de oportunidades iguais
Pena de morte	É a melhor punição para indivíduos que cometem crimes graves	Não cabe, mesmo que a pessoa tenha cometido um crime grave
Sindicatos	Servem mais para fazer política do que para defender os trabalhadores	São importantes para defender os interesses dos trabalhadores
Criminalidade	A maior causa é a maldade das pessoas	A maior causa é a falta de oportunidades iguais para todos
Adolescentes	Aqueles que cometem crimes devem ser punidos como adultos	Aqueles que cometem crimes devem ser reeducados
Drogas	Uso deve ser proibido, pois a sociedade é a mais penalizada	Uso não deve ser proibido, pois o usuário é o mais penalizado
Religião	Acreditar em Deus torna as pessoas melhores	Acreditar em Deus não necessariamente torna uma pessoa melhor

É importante esclarecer que não necessariamente para cada autor no portal havia a manifestação em relação a cada um desses tópicos. Consideramos pertencente a um ou ao outro perfil aquele autor que apresentasse a maioria de seus posicionamentos em um dos dois perfis.

Devemos salientar também que no referido portal há um público majoritariamente de perfil de esquerda: dos 439 autores cujos dados foram coletados, 85,9% foram classificados como de perfil de esquerda e 14,1% de direita.

Como já comentado na introdução, consideramos o presente trabalho um estudo-piloto para oferecer subsídios para novos estudos: um estudo complementar a este será analisar, no futuro, neologismos extraídos de uma amostra de informantes mais equilibrada, embora pareça difícil conseguir isso em um só portal de informações, já que geralmente há uma concentração por nichos (portais voltados para leitores de perfil ideológico de esquerda x de direita, portais voltados para público masculino x feminino). Como não identificamos até o momento nenhum estudo precedente na mesma linha do que aqui apresentamos que nos servisse de orientação metodológica mais precisa, vimo-nos obrigados a realizar um estudo-piloto, cujos resultados consideramos relevantes, mas deverão ser validados no futuro por estudos mais amplos.

Convém registrar ainda que depois de terminada a coleta em maio de 2014, o responsável pelo Portal GGN passou a suprimir comentários que apresentassem formas que considerasse inapropriadas. Informa em comentário datado de 22 de setembro de 2014: “tenho

vetado o uso do termo X e também de Y”⁸. Trata-se de um aspecto interessante, pois indica que os estudos de neologismos precisam ser feitos em ambientes de grande liberdade, caso contrário os resultados acabariam refletindo, não a prática da comunidade de fala, mas o ponto de vista de um falante apenas, o responsável pelo ambiente.

No *corpus*, verificamos que um mesmo neologismo poderia apresentar mais de um processo de formação: por exemplo, em *piglândia* há tanto sigla (*PIG* = “Partido da Imprensa Golpista”) quanto derivação sufixal (*-lândia*). Nesses casos, contabilizamos todos os processos de formação envolvidos para realizarmos a quantificação de ocorrências. Nos 1000 neologismos coletados, foram identificados 1314 processos de formação.

Também no *corpus*, apareceram casos de um mesmo neologismo como base de outros neologismos: por exemplo, o neologismo por sigla *PIG* já citado é a base dos neologismos *piguento* e *piguista*. Nesses casos, para permitir uma análise qualitativa melhor dos processos, contabilizamos apenas uma vez a formação de base: assim, uma vez que já havíamos contabilizado a sigla no caso da forma *PIG*, para *piguento* e *piguista* contabilizamos apenas a derivação sufixal de cada um desses dois casos (derivação sufixal em *-ento* para o primeiro e derivação sufixal em *-ista* para o segundo). Em função disso, os 1314 processos foram reduzidos a 1190 processos.

O processo em que um neologismo dá origem a outro é tradicionalmente chamado de *recursividade* (CORREIA, 1995, p. 300): como vimos acima no caso de *piguento* e *piguista*, derivados de *PIG*, e como vemos no caso de *coxinha-light* (“burguês moderado”), derivado de *coxinha* (“burguês”). A questão da recursividade demonstra o dinamismo da língua em criar palavras para dar conta das mudanças vividas pela sociedade em todas suas dimensões, inclusive no panorama político. Das 1000 unidades lexicais neológicas, 256 (25,6%) eram recursivas, ou seja, eram neologismos formados sobre uma base que já era um neologismo.

Para avaliarmos os tipos de neologismos segundo as variáveis gênero e perfil ideológico também contabilizamos uma só vez o processo de neologismo, caso já tivesse aparecido no *corpus* como base para outro. A atribuição de cada neologismo por informante foi feita levando em conta a primeira ocorrência do neologismo no *corpus*, observando-se assim um critério cronológico.

⁸ Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/comment/443662#comment-443662>>. Os termos, ambos pejorativos, foram substituídos aqui por X e Y.

Descrição e discussão dos dados

Uma primeira constatação foi a de que os 1000 neologismos coletados abrangem 17 das 22 categorias postuladas por Alves (1990). Vejam-se a seguir dois exemplos tirados do *corpus* para cada tipo (asterisco indica que não foi encontrado no *corpus* analisado)⁹:

Tabela 1: Tipos de processos de neologismos no *corpus* analisado

Tipo	Exemplos	Frequência ¹⁰
Fonológico: criação onomatopaica	*	0
Fonológico: modificação do significante	<i>capritcho, inteligência</i>	1,3% (15/1190)
Fonológico: modificação analógica	*	0
Fonológico: modificação gráfica	<i>jênio, jestão</i> ¹¹	0,5% (6/1190)
Sintático: derivação prefixal	<i>anti-candidato, autobispo</i>	16% (190/1190)
Sintático: derivação sufixal	<i>calhordacracia, protesteiros</i>	22,8% (271/1190)
Sintático: derivação parassintética	*	0
Sintático: composição subordinativa entre bases autônomas	<i>bolsa voto, reportagens-denúncias</i>	10,2% (121/1190)
Sintático: composição coordenativa entre bases autônomas	<i>midiático-penal, perseguidor-inquisidor</i>	4% (48/1190)
Sintático: composição com base(s) não-autônoma(s)	<i>anarco boy, cripto-partido</i>	4,2% (50/1190)
Sintático: composição sintagmática	<i>bafômetro virtual, máfia midiática</i>	8,4% (100/1190)
Sintático: composição por sigla ou acronímica	<i>PIG [= Partido da Imprensa Golpista], BBV [= Bolsa Boa Vida]</i>	2,7% (32 /1190)
Conversão	<i>tucano</i> [substantivo > adjetivo]	0,2% (2/1190)
Semântico	<i>zumbis</i> [“saudosos da ditadura”], <i>Nuremberg</i> [“julgamento”]	6,1% (72/1190)
Truncação	<i>reaça, neocom</i>	2,5% (30/1190)
Palavra-valise	<i>jornazista</i> [jornalista + nazista], <i>mentirão</i> [mentira + mensalão]	16,6% (197/1190)
Reduplicação	<i>Brasilsil, perde-perde</i>	0,6% (7/1190)
Derivação regressiva	*	0
Empréstimo: estrangeirismo	<i>think tank, anonymous</i>	2,5% (30/1190)
Empréstimo: tradução	*	0
Empréstimo: integração	<i>blackbloquística, consumerismo</i>	1% (12/1190)
Empréstimo: decalque	<i>esquerda caviar</i> [< fr. <i>gauche caviar</i>], <i>revoluções coloridas</i> [< ing. <i>color revolutions</i>]	0,6% (7/1190)
Total		100% (1190)

⁹ Para facilitar a compreensão do sentido de certos neologismos, inserimos entre colchetes uma glosa entre aspas ou as formas de base em itálico.

¹⁰ Informamos a porcentagem, seguida do número absoluto de dados da categoria e do número absoluto de dados do *corpus*.

¹¹ Dada a questão da instabilidade gráfica nos textos do *corpus*, convém esclarecer que estes dois exemplos não são fruto de erro de digitação/ortografia. São usos conscientes de modificação gráfica como forma de criticar o objeto que nomeiam: viola-se a ortografia oficial para se desmerecerem aspectos de adversários políticos, criticando-se sua administração (*jestão*) e sua capacidade intelectual (*jênio*).

Percebemos pelos dados acima que apenas cinco não tiveram presença no *corpus*: as formações por criação onomatopáica, modificação analógica, derivação parassintética, derivação regressiva e empréstimo por tradução.

O caráter idiossincrático dos nossos resultados pode ser percebido comparando os valores acima com os apurados por Alves em sua base do TermNeo¹²: nessa base, a ordem dos tipos mais frequentes é derivação prefixal (30%), composição por subordinação (19%), estrangeirismos (17%), formação sintagmática [= composição sintagmática] (13%), derivação sufixal (8%), neologismo semântico (5%), composição por coordenação (3%) e outros (5%). Uma das razões para explicar as diferenças, como a alta frequência de palavra-valise nos dados do nosso *corpus* mas sua frequência insignificante na base do TermNeo, é certamente a natureza do *corpus*: enquanto o TermNeo tem como base textos de jornais e revistas de grande circulação (*Folha de S. Paulo, O Globo, IstoÉ e Veja*), o nosso *corpus* baseia-se em texto de um jornal colaborativo *on-line*, em que se dá relativa liberdade aos consulentes para publicarem seus próprios textos. Supomos, então, que a mídia tradicional seja bastante conservadora em relação ao tipo de neologismos que permite circular em seus textos.

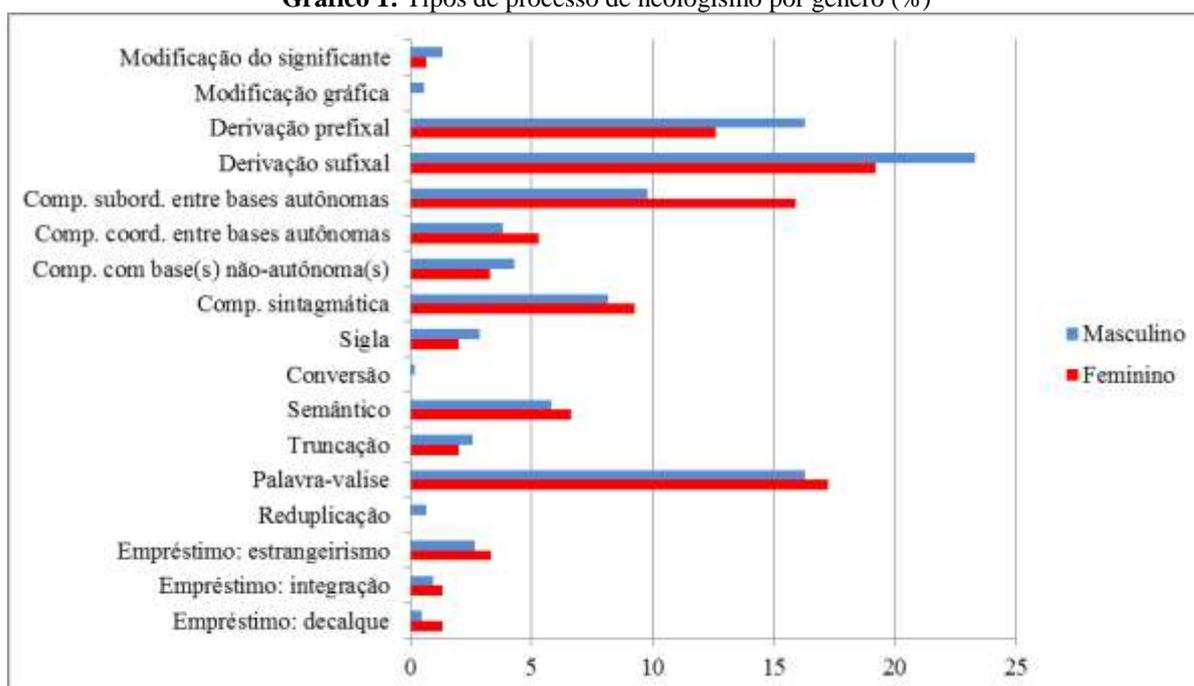
Outro ponto que se mostrou relevante em nossa pesquisa foi a função do uso dos neologismos no vocabulário político. O caráter dos neologismos usados nesse vocabulário difere um pouco de outros, como, por exemplo, o terminológico, porque vai além de simples nomeação de um objeto ou conceito novo. A neologia na área política envolve outros tipos categorizados por Guilbert (1975, p. 40-44): *neologia estilística*, para exprimir de forma mais expressiva um conceito antigo (*militonto* ou *jornazista*); *neologia de língua*, unidades lexicais que não despertam uma sensação de novo para o falante e, assim, passam despercebidas (*ficha-limpa* ou *ficha-suja*); *poder gerador de certos elementos constituintes*, bases ou afixos, que passam a ser usados de maneira mais frequente (*calhordacracia* ou *merdocracia*). Os neologismos analisados durante três meses no espaço virtual em questão tinham como principal finalidade negativar e satirizar a ideologia oposta. A frequência das formações com nomes próprios, siglas de partidos e simpatizantes de determinada agremiação política (exemplos que não explicitaremos aqui por motivos éticos) totalizou quase 22%.

Passando à questão do gênero, os resultados foram os seguintes:

¹² Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/dados_termneo.php>.

Tabela 2: Tipos de processo de neologismo por gênero (%)¹³

	Masculino	Feminino
Fonológico: modificação do significante	1,3 (14/1051)	0,7 (1/151)
Fonológico: modificação gráfica	0,6 (6/1051)	0
Sintático: derivação prefixal	16,3 (171/1051)	12,6 (19/151)
Sintático: derivação sufixal	23,3 (245/1051)	19,2 (29/151)
Sintático: composição subordinativa entre bases autônomas	9,8 (103/1051)	15,9 (24/151)
Sintático: composição coordenativa entre bases autônomas	3,8 (40/1051)	5,3 (8/151)
Sintático: composição com base(s) não-autônoma(s)	4,3 (45/1051)	3,3 (5/151)
Sintático: composição sintagmática	8,2 (86/1051)	9,3 (14/151)
Sintático: composição por sigla ou acrônímica	2,9 (30/1051)	2 (3/151)
Conversão	0,2 (2/1051)	0
Semântico	5,8 (61/1051)	6,6 (10/151)
Truncação	2,6 (27/1051)	2 (3/151)
Palavra-valise	16,3 (171/1051)	17,2 (26/151)
Reduplicação	0,7 (7/1051)	0
Empréstimo: estrangeirismo	2,7 (28/1051)	3,3 (5/151)
Empréstimo: integração	1 (10/1051)	1,3 (2/151)
Empréstimo: decalque	0,5 (5/1051)	1,3 (2/151)
Total	100% (1051)	100% (151)

Gráfico 1: Tipos de processo de neologismo por gênero (%)

Constatamos inicialmente que o tipo de processo de formação de neologismo preferido é o mesmo para ambos os gêneros: derivação sufixal (23,3% para o masculino e 19,2% para o feminino). Já o segundo tipo mais preferido é derivação prefixal e palavra-valise (ambos com 16,3%) para o gênero masculino, mas palavra-valise (17,2%) seguido de composição

¹³ A soma dos processos de neologismos dos informantes do gênero masculino e do feminino resulta em 1202, valor superior ao de 1190 da Tabela 1: essa diferença se deve ao fato de que, ao contabilizar os processos por gênero, houve casos em que o texto tinha mais de um autor, sendo atribuído, portanto, cada processo a cada um dos autores.

subordinativa com bases autônomas (15,9%) para o feminino. Há, portanto, uma diferença tênue, que é a preferência do gênero masculino pela derivação prefixal frente à do feminino pela composição subordinativa com bases autônomas. Não deixa de saltar aos olhos a preferência pela palavra-valise, um processo com aplicação imprevisível, como é o caso de palavras-valise como *mentirão* (derivada de *mentira* + *mensalão*), já que não gera normalmente uma série de correlatos extensa, como costuma acontecer com processos baseados em estruturas mais consolidadas na língua (como os sufixos *-ismo* e *-ista*), que tem aplicação em uma ampla gama de itens (no vocabulário político, como expressão de adesão às ideias de um partido ou candidato). Para deixar mais claro que seria um processo imprevisível, podemos mencionar o neologismo semântico, uma vez que a extensão metafórica ou metonímia pode se dar em diferentes direções: um neologismo semântico como *coxinha*, que é polissêmico, relaciona-se à extensão metonímica na direção de “burguês” (“aquele que come coxinha, entendida como alimento caro”) mas também na direção de “policial” (“aquele que come coxinha em padarias e lanchonetes”), como registrado por Aragão (2012) – não há nada na forma que determine que a direção deva ser necessariamente para A ou B. Este segundo processo, no entanto, não foi tão frequente como no caso da palavra-valise nos dados acima.

É também digno de menção que modificação gráfica, conversão e reduplicação ocorrem apenas entre informantes do gênero masculino. A resistência feminina à modificação gráfica poderia ser fruto do fato de mulheres serem mais sensíveis às normas linguísticas, ou seja, às formas socialmente prestigiadas (PAIVA, 2004, p. 36). Como não pudemos verificar como os falantes avaliam os neologismos coletados, não podemos considerar no momento que os padrões encontrados aqui confirmam efetivamente o padrão registado nos estudos sociolinguísticos. Essa constatação sugere que um estudo futuro deve contemplar a questão da avaliação dos falantes em relação às formas novas.

Em relação à questão do perfil ideológico, apuramos o seguinte:

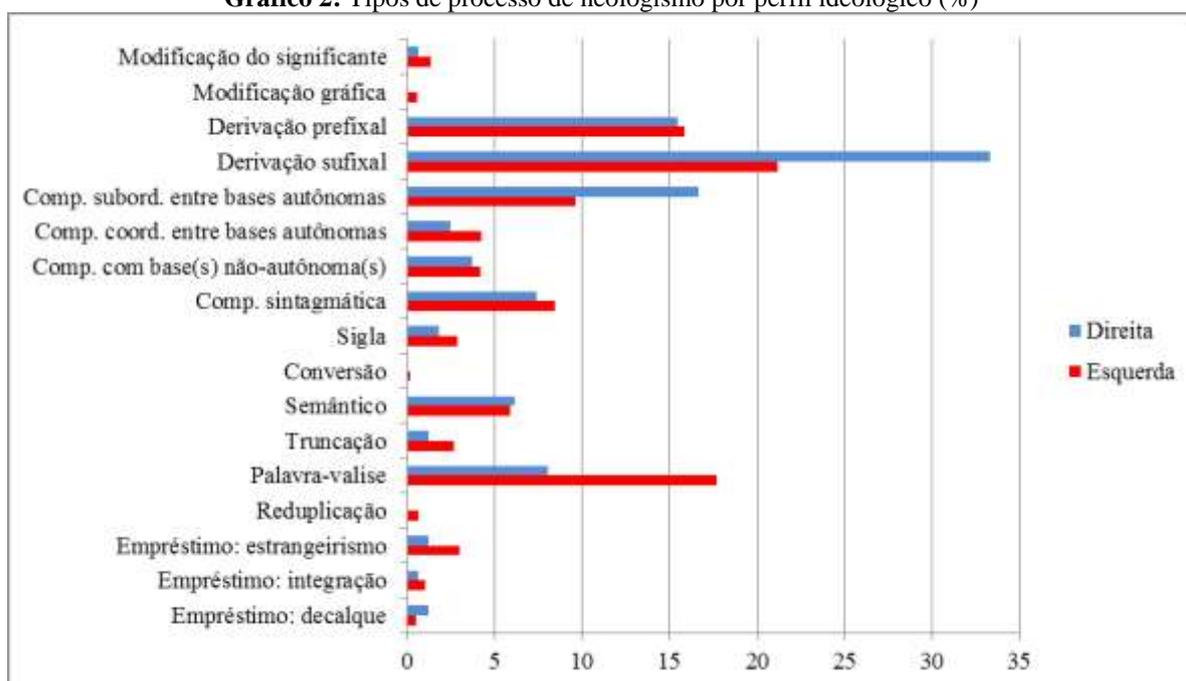
Tabela 3: Tipos de neologismo por perfil ideológico (%)¹⁴

	Direita	Esquerda
Fonológico: modificação do significante	0,6% (1/162)	1,3% (14/1040)
Fonológico: modificação gráfica	0	0,6% (6/1040)
Sintático: derivação prefixal	15,4% (25/162)	15,9% (165/1040)
Sintático: derivação sufixal	33,3% (52/162)	21,2% (220/1040)
Sintático: composição subordinativa entre bases autônomas	16,7% (27/162)	9,6% (100/1040)
Sintático: composição coordenativa entre bases autônomas	2,5% (4/162)	4,2% (44/1040)
Sintático: composição com base(s) não-autônoma(s)	3,7% (6/162)	4,2% (44/1040)

¹⁴ Vide nota na tabela 2 sobre o total de 1202.

Sintático: composição sintagmática	7,4% (12/162)	8,5% (88/1040)
Sintático: composição por sigla ou acronímica	1,9% (3/162)	2,9% (30/1040)
Conversão	0	0,2% (2/1040)
Semântico	6,2% (10/162)	5,9% (61/1040)
Truncação	1,2% (2/162)	2,7% (28/1040)
Palavra-valise	8% (13/162)	17,7% (184/1040)
Reduplicação	0	0,7% (7/1040)
Empréstimo: estrangeirismo	1,2% (2/162)	3% (31/1040)
Empréstimo: integração	0,6% (1/162)	1,1% (11/1040)
Empréstimo: decalque	1,2% (2/162)	0,5% (5/1040)
Total	100% (162)	100% (1040)

Gráfico 2: Tipos de processo de neologismo por perfil ideológico (%)



A comparação entre os dados da tabela e do gráfico permite verificar que há diferença na preferência pelo tipo de formação neológica entre os perfis. Embora a derivação sufixal seja a mais frequente em ambos os casos (como o foi no gênero de forma geral), vemos que o segundo tipo mais frequente no perfil da esquerda é o de palavra-valise (17,7%), mais que o dobro em relação ao da direita (8%). O segundo tipo mais frequente no de direita (16,7%) é a composição subordinativa com bases autônomas, quase o dobro em relação ao de esquerda (9,6%).

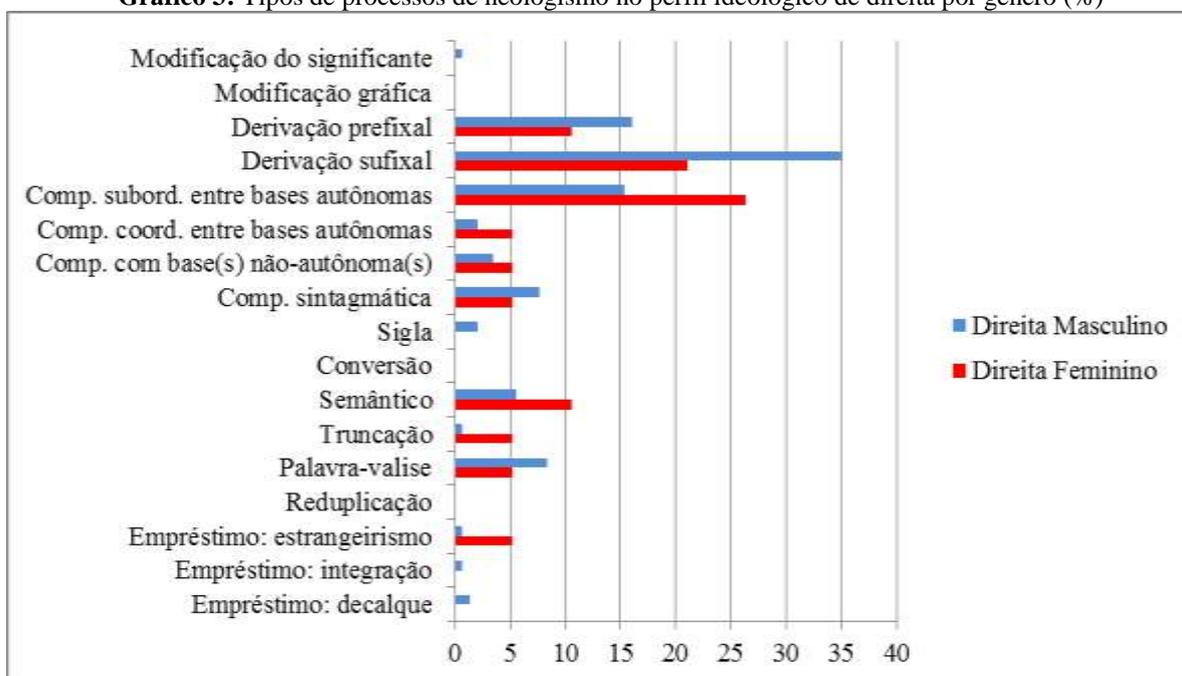
Passamos agora a uma análise cruzando as duas variáveis consideradas: gênero e perfil ideológico. Analisemos inicialmente o gênero em função do perfil ideológico de direita:

Tabela 4: Tipos de processos de neologismo no perfil ideológico de direita por gênero (%)

	Masculino	Feminino
Fonológico: modificação do significante	0,7% (1/143)	0
Fonológico: modificação gráfica	0	0

Sintático: derivação prefixal	16,1% (23/143)	10,5% (2/19)
Sintático: derivação sufixal	35,0% (50/143)	21,1% (4/19)
Sintático: composição subordinativa entre bases autônomas	15,4% (22/143)	26,3% (5/19)
Sintático: composição coordenativa entre bases autônomas	2,1% (3/143)	5,3% (1/19)
Sintático: composição com base(s) não-autônoma(s)	3,1% (5/143)	5,3% (1/19)
Sintático: composição sintagmática	7,7% (11/143)	5,3% (1/19)
Sintático: composição por sigla ou acronímica	2,1% (3/143)	0
Conversão	0	0
Semântico	5,6% (8/143)	10,5% (2/19)
Truncação	0,7% (1/143)	5,3% (1/19)
Palavra-valise	8,4% (12/143)	5,3% (1/19)
Reduplicação	0,0% (0/143)	0
Empréstimo: estrangeirismo	0,7% (1/143)	5,3% (1/19)
Empréstimo: integração	0,7% (1/143)	0
Empréstimo: decalque	1,4% (2/143)	0
Total	100% (143)	100% (19)

Gráfico 3: Tipos de processos de neologismo no perfil ideológico de direita por gênero (%)



No perfil de direita, embora a derivação sufixal seja o processo mais frequente no gênero masculino, no feminino é a composição subordinativa entre bases autônomas.

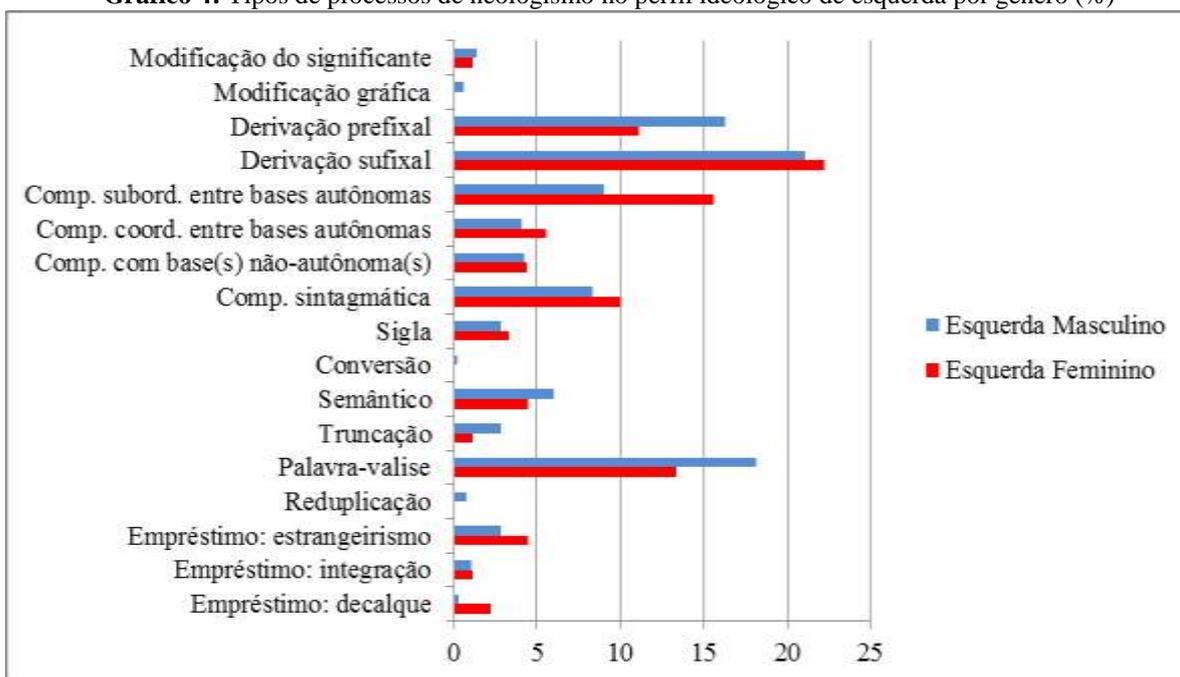
Vejam os resultados em relação ao perfil de esquerda:

Tabela 5: Tipos de neologismo no perfil ideológico de esquerda por gênero (%)

	Masculino	Feminino
Fonológico: modificação do significante	1,4% (13/950)	1,1% (1/90)
Fonológico: modificação gráfica	0,6% (6/950)	0
Sintático: derivação prefixal	16,3% (155/950)	11,1% (10/90)
Sintático: derivação sufixal	21,1% (200/950)	22,2% (20/90)
Sintático: composição subordinativa entre bases autônomas	9,1% (86/950)	15,6% (14/90)
Sintático: composição coordenativa entre bases autônomas	4,1% (39/950)	5,6% (5/90)
Sintático: composição com base(s) não-autônoma(s)	4,2% (40/950)	4,4% (6/90)
Sintático: composição sintagmática	8,3% (79/950)	10,0% (9/90)

Sintático: composição por sigla ou acronímica	2,8% (27/950)	3,3% (3/90)
Conversão	0,2% (2/950)	0
Semântico	6,0% (57/950)	4,4% (4/90)
Truncação	2,8% (27/950)	1,1% (1/90)
Palavra-valise	18,1% (172/950)	13,3% (12/90)
Reduplicação	0,7% (7/950)	0
Empréstimo: estrangeirismo	2,8% (27/950)	4,4% (4/90)
Empréstimo: integração	1,1% (10/950)	1,1% (1/90)
Empréstimo: decalque	0,3% (3/950)	2,2% (2/90)
Total	100% (950)	100% (90)

Gráfico 4: Tipos de processos de neologismo no perfil ideológico de esquerda por gênero (%)



No perfil de esquerda, a derivação sufixal é o processo mais frequente no gênero masculino e no feminino, diferindo, no entanto, no segundo processo mais frequente: palavra-valise para o masculino e composição subordinativa entre bases autônomas para o feminino.

Podemos sintetizar os padrões mais frequentes pelo seguinte quadro:

Quadro 1: Tipos de processos de neologismo mais frequentes por categorias

Categorias	1º lugar	2º lugar
Masculino	Derivação sufixal	Derivação prefixal / Palavra-valise
Feminino	Derivação sufixal	Palavra-valise
Direita	Derivação sufixal	Composição subordinativa entre bases autônomas
Esquerda	Derivação sufixal	Palavra-valise
Direita Masculino	Derivação sufixal	Derivação prefixal
Direita Feminino	Composição subordinativa entre bases autônomas	Derivação sufixal
Esquerda Masculino	Derivação sufixal	Palavra-valise
Esquerda Feminino	Derivação sufixal	Composição subordinativa entre bases autônomas

Vemos pelo quadro acima que a derivação sufixal é claramente o processo mais frequente, exceto na categoria perfil de direita no gênero feminino, em que é o segundo mais frequente. É interessante notar que no espectro de direita, tradicionalmente considerado conservador, os processos mais frequentes são os mais regulares e previsíveis, enquanto, no de esquerda, desponta a palavra-valise, que, como dito antes, é um processo menos previsível.

O que parece emergir dos dados é um padrão em que os falantes do gênero masculino optam por processos mais inovadores e imprevisíveis, enquanto as mulheres optam por processos mais conservadores e previsíveis.

Considerações finais

No presente trabalho, que constitui um estudo-piloto, analisamos a relação entre neologismos, gênero e perfil ideológico dos falantes. Foram confirmadas parcialmente as hipóteses de que o tipo preferencial de neologismo varia segundo gênero e perfil ideológico dos falantes. Por um lado, a derivação sufixal é quase unanimemente o processo mais frequente nos neologismos analisados, mas considerando-se os processos que ocupam o segundo lugar na frequência, veem-se diferenças quando considerados o gênero e perfil ideológico.

Salienta-se aqui novamente que a presente análise é um estudo-piloto para verificar a pertinência da hipótese geral de diferenciação dos processos de formação de neologismos segundo fatores sociais (gênero e perfil ideológico). Consideramos que a análise apresentou evidências positivas em relação à hipótese. Entretanto, não se pode deixar de apresentar aqui algumas ponderações que sirvam de referência para uma nova avaliação da hipótese geral: em função dos dados disponíveis no portal consultado, havia um desequilíbrio no número de informantes quanto ao gênero (dos 439 informantes, 90,2% eram do gênero masculino e apenas 9,8% do feminino) e quanto ao perfil ideológico (85,9% de esquerda e 14,1% de direita). Essas diferenças geraram desequilíbrio nos dados (1051 para gênero masculino, mas apenas 151 para o feminino; 1040 para o perfil de esquerda, mas apenas 162 para o de direita): não se pode assegurar que esse desequilíbrio tenha dificultado a percepção de padrões, mas convém futuramente desenvolver estratégias para superar esses limites. Uma solução seria coletar dados de dois portais diferentes, voltados, cada um, para um diferente perfil ideológico (nesta pesquisa o portal era essencialmente voltado para o perfil de esquerda). Já no caso da questão do gênero, aparentemente a presença do gênero feminino é menos frequente do que o masculino em portais de política, razão pela qual uma pesquisa

futura deve fixar um mesmo número de informante de cada gênero, mesmo que isso obrigue à extensão do período de coleta de dados só para dar conta o número previsto para o gênero feminino.

Enfim, consideramos que o presente trabalho tenha colocado em evidência novas formas de analisar a questão dos neologismos sob uma ótica mais sociolinguística.

Referências

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, I. M. *TermNeo: Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993-2014. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/index.php>>; acesso em 25 out 2014.
- ARAGÃO, A. Tipicamente paulistana, gíria "coxinha" tem origem controversa. *Folha de São Paulo*, Caderno São Paulo, 22 de abril de 2012. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2012/04/1078798-tipicamente-paulistana-giria-coxinha-tem-origem-controversa.shtml>>; acesso em 25 out 2014.
- BARTOLI, M. G. *Introduzione alla neolinguística*. Firenze: L.S. Olschki, 1925.
- BARTOLI, M. G. *Saggi di linguistica spaziale*. Torino: Rosenberg et Sellier, 1945.
- BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRINKMANN, F. *Das Pferd in den romanischen Sprachen und im Englischen unter steter Berücksichtigung des Lateinischen und Griechischen*. Jena, 1872. (Diss.) [Dresden, Blochmann, 1875].
- CAMBRAIA, C. N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos de Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, 2013.
- CORREIA, M. O léxico e a economia da língua. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 299-307, 1995.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.
- FAÇA o teste do perfil ideológico e descubra se você é de direita ou de esquerda. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 out. 2013. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/10/1357430-faca-o-teste-do-perfil-ideologico-e-descubra-se-voce-e-de-direita-ou-de-esquerda.shtml>>. Acesso em: 19 out. 2014.
- GILLIÉRON, J.; ÉDMONT, É. *Atlas linguistique de la France*. Paris : H. Champion, 1902-1910. 9 vols.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse. 1975.
- HOUAISS, A. ET AL. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009. 1 CD-ROM.
- LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Paris: Didier, 1953.

- MERINGER, R. Zur Aufgabe und zum Namen unserer Zeitschrift. *Wörter und Sachen*, Heidelberg, v. III, p. 22-56, 1912.
- PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- TRIER, J. *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes: die Geschichte eines sprachlichen Feldes*. Heidelberg: C. Winter, 1931.